



SINUÍ PORÃ

Sheilla Patrícia Dias de Souza (Universidade Estadual de Maringá)

Tadeu dos Santos (Universidade Estadual de Maringá)

Gabriela Tenório Ribeiro (Universidade Estadual de Maringá)

spdsouza2@uem.br

Resumo:

Este trabalho reúne ações de ensino, pesquisa e extensão realizados no projeto de extensão Arte e Cultura Indígena em Mariguã, em curso na Universidade Estadual de Maringá (UEM) desde 2018. O objetivo é apresentar uma síntese sobre as atividades de criação da Coleção *Sinuí Porã*, realizada em 2024, como parte das ações do projeto de extensão. A metodologia reúne estudos sobre cestaria Kaingang (SANTOS, 2018), antropologia interpretativa (GEERTZ, 1989), pesquisa em Artes (REY, 1996) e etnoastronomia (AFONSO, 2005). Os resultados incluem a difusão dos saberes sobre arte e cultura indígena na formação dos estudantes de Artes Visuais e da UNATI (UEM), participantes no projeto, assim como a inserção de peças da coleção *Sinuí Porã* na loja do Museu de Arte de São Paulo – MASP, em agosto de 2024, atendendo à necessidade de valorização da arte indígena no Paraná. Os resultados contemplam também à busca de novas fontes de renda para as famílias indígenas apoiadas pela Associação Indigenista – ASSINDI – Maringá, parceira nas ações do projeto de extensão.

Palavras-chave: Arte; Guarani; Kaingang; Cerâmica; Cestaria.

1. Introdução

O presente trabalho tem como objetivo apresentar processos e resultados das ações do projeto *Sinuí Porã*, relacionado à criação de objetos artesanais feitos a partir de saberes indígenas, em oficinas coordenadas pelos autores deste resumo e idealizadas no Projeto de



Extensão Arte e Cultura Indígena em Mariguã (Processo 6686/2018). Alguns dos indígenas envolvidos nas ações costumam ficar hospedados na Associação Indigenista - ASSINDI-Maringá, para vender sua cestaria nos semáforos da cidade. A ASSINDI é uma organização que acolhe a população Kaingang da Terra Indígena (T.I.) Ivaí (PR), durante sua permanência de 30 dias na cidade em sistema de revezamento, assim como oferece moradia aos universitários indígenas Kaingang e Guarani matriculados na UEM. O Projeto Extensão Arte e Cultura Indígena em Mariguã, desde 2018 realiza ações de ensino, pesquisa e extensão em parceria com a ASSINDI e estudantes do curso de Artes Visuais da UEM. As ações são justificadas pelo desenvolvimento da valorização da arte indígena, visando o cumprimento da Lei 11.645, que determina a inserção dos conteúdos sobre culturas indígenas no ensino de Artes. O projeto de extensão tem caráter permanente e é associado ao Programa de Extensão Universidade Aberta à Terceira Idade – UNATI, pois desde 2024, recebe alunos do programa nas atividades de retomada da cerâmica indígena.

Sinuí e *Porã* significam belo, nas línguas Kaingang e Guarani, respectivamente. O projeto *Sinuí Porã* tem apoio da ASSINDI e da SANCOR Seguros, para que os coordenadores, a bolsista PIBIART e participantes do Projeto de Extensão Arte e Cultura Indígena em Mariguã, desenvolvam uma coleção de objetos, em oficinas de arte junto aos indígenas apoiados pela ASSINDI. Alguns dos objetos da coleção, também denominada *Sinuí Porã*, são expostos na loja do Museu de Arte de São Paulo – MASP, desde agosto de 2024, promovendo a difusão da arte Kaingang e Guarani, além de contribuir para o aumento das fontes de renda das famílias indígenas.

2. Metodologia

A coleção *Sinuí Porã* é uma criação dos povos Kaingang da Terra Indígena (T.I.) Ivaí (PR) e Guarani Nhandewa da T. I. Pinhalzinho (PR) em parceria com o coletivo Kókir, formado pelos coordenadores do projeto de extensão Arte e Cultura Indígena em Mariguã e convidados, como as artistas: Celina Pantu, Claudite Sukrigvonfi Lourenço, Lurdes Alípio, Marcelina Pantu, Terezinha Alípio, Zely Ganprag Pereira Vitoriano, Caroliny Trajano, Gabriela Tenório Ribeiro, Jordana de Oliveira Bennemann, Suely Sayuri Iwashita, Marlene Gobbi e equipe, entre outras. O projeto utiliza da metodologia da pesquisa em artes (REY,



1996) a fim de desenvolver a investigação sobre o processo de criação coletiva entre pessoas de diferentes grupos. Também são utilizados: os estudos de Geertz (1989) sobre as dinâmicas culturais, as pesquisas de Santos sobre a cestaria Kaingang da T.I. Ivaí (2018) e os estudos sobre etnoastronomia do pesquisador Guarani Germano Bruno Afonso (2005), para a produção de cumbucas de cerâmica com desenhos das constelações Guarani.

O projeto *Sinuí Porã* realiza oficinas semanais de arte indígena com duas horas de duração, durante 4 meses. Nos meses de julho e agosto aconteceram oficinas de produção de bordados, chaveiros e tear. Essa última foi ministrada por professoras da Unati e pela indígena Kaingang Zely Ganprag Pereira Vitoriano, da T.I. Apucarantina. A ideia inicial era atender a demanda de tapetes e toalhas feitos em tear produzidos por indígenas, encomendados pelo MASP. Percebeu-se, no entanto, que seria necessário mais tempo de aprendizado pelos indígenas. Por isso, a oficina de tear foi substituída pelo bordado em peças compradas, feitas em tear. A oficina de bordado foi ofertada pela bolsista, Gabriela Tenório Ribeiro, juntamente com a artista Suely Sayuri Iwashita, na qual foi escolhido o símbolo do pinheiro, pela afinidade do povo Kaingang com o pinhão, fruto da araucária, que há séculos é a base da alimentação do grupo. Foram feitos também outros bordados, semelhantes aos utilizados na cestaria Kaingang. As oficinas atendem a grupos de cerca de 10 pessoas, nos quais algumas dificuldades com novas técnicas de tecelagem foram encontradas e superadas. As adaptações foram acontecendo e os bordados tiveram êxito. Conforme Gertz, “A variedade da expressão artística é resultado da variedade de concepções que os seres humanos têm sobre como são e funcionam as coisas. Na realidade, são uma única variedade” (1999, p.181). Nas semanas seguintes outro grupo Kaingang participou das oficinas, que foram ministradas por indígenas também deste grupo, Marcelina Pantu e Celina Pantu, produzindo chaveiros feitos com trançado. As indígenas foram convidadas a ministrar as oficinas de forma remunerada, assim como a maioria das oficinas previstas. Algumas das peças realizadas nas primeiras oficinas, como os bordados nas peças feitas em tear e os chaveiros, foram compradas pelo MASP. Já as peças feitas nas oficinas posteriores são adquiridas, com o apoio da SANCOR Seguros, para que possam ser comercializadas na loja da ASSINDI, permitindo a continuidade das ações da entidade em prol da difusão da arte indígena.

2. Resultados e Discussão

As peças produzidas no projeto possuem grafismos Kaingang que revelam aspectos de sua cosmovisão, conforme Santos (2018), sobre as relações entre a divisão clânica e as marcas presentes nos trançados. A compreensão sobre os grafismos permite a valorização da arte Kaingang e seu estudo por parte dos envolvidos no projeto. Além das peças feitas pelos Kaingang, a coleção *Sinuí Porã*, possui peças feitas pelo Coletivo Kókir, como as cerâmicas com desenhos das constelações Guarani e os brincos, feitos com cerâmica e trançados Kaingang. As produções podem ser vistas no instagram da ASSINDI: <https://www.instagram.com/assindimaringa?igsh=M3RrdThpdG40b3Yw>



Fotografias: acervo dos autores

3. Considerações

As atividades do projeto de extensão acontecem no Museu Kre Porã e na Casa Kadirí (Brincar em Kaingang) na ASSINDI, ocorrendo também no Laboratório de Cerâmica na UEM, com a participação de indígenas e estudantes de Artes Visuais e da UNATI. A retomada da cerâmica resultou na pesquisa sobre as constelações Guarani, transpostas pelo Coletivo Kókir em cumbucas de cerâmica, idealizadas junto aos Guarani Nhandewa da T. I. Pinhalzinho (PR). Segundo estudos de Afonso (2005), o povo Guarani possui constelações que indicam a chegada das diferentes estações do ano. Portanto, assim como a valorização da cosmovisão Kaingang vem sendo desenvolvida com o conhecimento dos grafismos nos trançados, esperamos que a sabedoria Guarani, na observação das constelações, possa contribuir para o reconhecimento de nossa ancestralidade. As duas linguagens artísticas



fazem parte da identidade cultural indígena e, ao promover sua prática e conhecimento, potencializa-se a ruptura com o eurocentrismo no ensino, pesquisa e extensão, oferecendo experiências plurais na experiência estética.

Referências

AFONSO, G.B. *As constelações indígenas brasileiras. Observatórios Virtuais – Constelações Indígenas*, 2005. Folheto. Disponível em: <http://www.telescopiosnaescola.pro.br/indigenas.pdf>

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

REY, Sandra. Da Prática à Teoria: três instâncias metodológicas sobre a pesquisa em poéticas visuais. **Porto Arte: Revista de Artes Visuais**, Porto Alegre, v. 7, n. 13, p. 81-95, nov. 1996. <https://doi.org/10.22456/2179-8001.27713>

SANTOS, Tadeu dos. **Arte, identidade e transformações na cestaria Kaingang da Terra Indígena Ivaí, no contexto de fricção interétnica**. (dissertação de mestrado) UEM- Maringá 2018, p. 237. Disponível em: <<http://repositorio.uem.br:8080/jspui/handle/1/5347>>.